

O papel da Universidade na pesquisa do câncer de pulmão

Marcos Eduardo Machado Paschoal

*Coordenador do programa de Oncopneumologia do Instituto de Doenças de Tórax (IDT) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
mempaschoal@hucff.ufrj.br*

O câncer de pulmão é a neoplasia maligna com terceira maior incidência - 13% (169.400/1.284.900) e a líder em mortalidade - 28% (154.900/555.500) nos EEUU ⁽¹⁾. No Brasil, o câncer de pulmão ocupa o terceiro lugar em incidência, sendo superado pelo câncer de pele e mama. A incidência atual é de cerca de 20.000 casos/ano. Apresenta a maior taxa bruta de mortalidade, sendo a principal causa de morte por câncer em homens e a segunda em mulheres, apesar de sua incidência ser muito menor no sexo feminino. Estima-se, para o estado do Rio de Janeiro, 2.410 novos casos/ano em homens e 880 em mulheres, com 1560 e 600 óbitos, respectivamente ⁽²⁾. Entre nós a taxa de mortalidade vem aumentando de 1980 até 1997, provavelmente refletindo o aumento observado do tabagismo ⁽²⁾.

De 1964 até hoje o índice de cura em 5 anos de acompanhamento, subiu de 5% para 14% nos EEUU ⁽¹⁾. Em vários outros países o mesmo índice talvez ainda seja 5% ou um pouco superior. A questão é: esse ganho de 9 pontos percentuais reflete um avanço na terapia ou uma abordagem mais oportuna do paciente? Muito possivelmente a segunda hipótese é a correta. O certo é que o tratamento do câncer de pulmão, de um modo crítico, é inespecífico. Cirurgia, quimioterapia e radioterapia não são tratamentos tumor ou célula tumoral específicos, atuando também em tecidos saudáveis peritumorais ou distantes sem, na maioria das vezes, impedir um alto nível de recidiva, local e/ou à distância.

Mais uma vez a prevenção e a elucidação dos mecanismos básicos de doença são peças-chaves no controle de doença. A prevenção não representa, em teoria, um grande desafio. Nosso grande vilão, o cigarro,

já é bastante conhecido há décadas ⁽³⁾. Quanto os mecanismos básicos de doença, não podemos dizer o mesmo. O conceito de que o câncer é o acúmulo de várias alterações genéticas e epigenéticas, envolvendo quase todas as vias regulatórias celulares, a partir da exposição a carcinógenos, agindo como um gatilho na sucessão de diversos eventos moleculares e histopatológicos nos explicita quão complexo e variada é a sua patogênese. Raciocínio linear: sem pesquisa básica e pesquisa básica aplicada à clínica continuaremos com os resultados marginais nas curvas de sobrevivência.

Recentemente, o Instituto de Doenças do Tórax da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), através de seu Programa de Oncopneumologia, foi o anfitrião do I Encontro em Oncobiologia da UFRJ, uma iniciativa de pesquisadores das áreas básica e clínica da UFRJ. Nessa primeira reunião, que contou com a participação de diversos chefes de laboratórios do Instituto de Ciências Biomédicas, do Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho, da Divisão de Fisiologia e Pneumologia, do Serviço de Oncologia, da Divisão de Cirurgia Torácica, da Anatomia Patológica e da Radioterapia, houve uma apresentação do Programa de Oncopneumologia visando aspectos clínicos, epidemiológicos, radiobiológicos/radioterápicos, cirúrgicos e anatomopatológicos do câncer de pulmão, de forma a sensibilizar os diversos pesquisadores presentes a juntar esforços e iniciar colaborações acadêmicas nos tópicos apresentados e estimular a inclusão futura de outros, como nutricionais. Essa reunião pode ser vista de diversos ângulos. Dentre eles, destaca-se a aproximação da área clínica com a área básica, com a conseqüente ampliação de um canal para a pós-

graduação (tanto em nível de mestrado quanto de doutorado) para médicos, biólogos, nutricionistas e outros interessados nesta área de conhecimento. A atenção especial de uma das universidades brasileiras com maior produção científica, para uma doença que persiste como um grande problema de saúde pública é um novo alento para os pacientes portadores de câncer de pulmão, ainda que saibamos que qualquer resultado positivo chegará a estes, de forma não experimental, a médio ou longo prazo.

Creio que a consolidação desta união, por meio de projetos de pesquisa, alguns previamente em andamento e outros já sendo rascunhados, permitirá, numa segunda fase, a associação com outros grupos

de interesse em comum, o que poderá tornar o Rio de Janeiro um centro mais expressivo de pesquisa em câncer de pulmão nos próximos cinco a dez anos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Jemal A, Thomas A, Murray T, et al. Cancer statistics, 2002. *CA Cancer J Clin* 2002; 52:23-47.
2. Instituto Nacional do Câncer. Estimativas da incidência e mortalidade por câncer no Brasil - 2000. Rio de Janeiro: Ministério da Saúde, Brasil, 2000.
3. Doll R, Hill B. Smoking and carcinoma of the lung: Preliminary report. *BMJ* 1950; 2:739-748. ■